

BERNARD ALLÉGUÈDE

(Sócio Efetivo do I. H. G. R. G. N.)

OS
FRANCESES
NO
RIO G. DO NORTE



Natal - 1976

BERNARD ALLÉGUÈDE

(Sócio Efetivo do I. H. G. R. G. N.)

**OS
FRANCESES
NO
RIO G. DO NORTE**



Natal - 1976

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO RIO
GRANDE DO NORTE

Diretoria e Comissões Permanentes

(de 29-3-75 até 29/3/77)

Presidente — Dr. Enélio Lima Petrovich

1.º vice-Pres. — Prof. Dr. Aldo Fernandes Raposo de Melo

2.º vice-Pres. — Escritor Manoel Rodrigues de Melo

1.º sec. — Dr. Mariano Coelho

2.º sec. — Escritor Minervino Wanderley de Siqueira

Secretário-Adjunto — Escritor Antônio Antídio de Azevedo

Orador — Historiador Luís da Câmara Cascudo

Vice-Orador — Dr. Paulo Pinheiro de Viveiros

Tesoureiro — Dr. Manoel Varela de Albuquerque

Tesoureiro-Adjunto — Dr. Boanerges Januário Soares de
Araújo

Diretor da Biblioteca, Museu e Arquivo — Escritor João
Carlos de Vasconcelos

Comissão de Fazenda e Orçamento

Dr. José Tavares da Silva

Dr. Manoel Varela Santiago Sobrinho

Des. João Vicente da Costa

Comissão de Estatutos e Redação da Revista

Drs. Luís da Câmara Cascudo

Tarcísio da Natividade Medeiros

Boanerges J. Soares de Araújo

- Aos caros confrades do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte
- A Jean Subirats, natalense da gema

A BUSCA DE INTRODUÇÃO

Nada de documentos, nada de história

VALÉRY

Lista de documentos para a história

VALÉRY

À GUISA DE INTRODUÇÃO

Este pequeno livro em número de páginas, porém valioso em dados e ilustrações, deixou que o tempo passasse, durante um lustro. De mãos em mãos, retornando ao autor, depois na Aliança Francesa, em Brasília, chegaram, enfim, os seus originais ao nosso conhecimento e poder. Já trazia o prefácio do mestre Câmara Cascudo, sócio benemérito e orador oficial do venerando Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, que é um testemunho vivo da autenticidade deste trabalho. Algumas fotografias ilustram também o livro. Muitas delas raridades históricas.

Aqui está, por conseguinte, "OS FRANCESES NO RIO GRANDE DO NORTE", no qual o eminente confrade Bernard Alléguede fixa, comprova, enaltece, como uma dádiva a mais, o fruto de sua permanência nesta cidade presépio (1966-1971), ao lado de sua esposa MERCEDES e dos filhos PATRICK e VERONIQUE, ambos nascidos nesta Natal, papa-jirimuns verdadeiros, ampliando, assim, aquela presença telúrica, no tempo e no espaço.

Esta publicação valoriza as coisas da terra, na sua dimensão histórica e social.

De igual modo, é oportuno ressaltar que também representa uma significativa homenagem ao bravo povo francês, cujas relações de amizade, no plano cultural, foram e continuam a ser de forma predominante, pois a nossa cultura colonial tem raízes profundas na pátria de Victor Hugo, Lamartine, Montaigne, e de tantos outros vultos da história francesa. E como prova maior dessa afirmativa sobressai o exemplo de Nisia Floresta (1810 - 1885), mulher de inteligência invulgar, que nasceu no município de Papari, neste Estado, hoje Nisia Floresta.

A verdade é que Bernard Alléguede, nosso confrade desde 5 de dezembro de 1971, muito embora tenha regressado às plagas de suas origens étnicas, agora residindo, estudando e lecionando na cidade de Reims — França, deixou nesta potiguarania a marca de seu amor às letras e à pesquisa histórica.

E graças à colaboração imprescindível do CONSELHO FEDERAL DE CULTURA, que jamais tem faltado à "Casa da Memória Norte-Rio-Grandense", trazemos ao público este trabalho, neste ano de 1976, na convicção de que, lendo-o, nos sentiremos mais felizes e recompensados, pelo privilégio de havermos nascido neste torrão valoroso, berço de heróis e de sábios, mas, sobretudo, de um povo humilde, hospitaleiro e bom. Terra, afinal, de Luís da Câmara Cascudo.

Natal(RN), 29 de março de 1976

74°. aniversário do I.H.G.R.G.N.

Enélio Lima Petrovich

Presidente

PREFÁCIO

Bernard Alléguède é originário de Perpignan, Capital do Roussillon, olhando o mediterrâneo. É a terra dos Iberos, Fenícios, Romanos, Visigodos, Sarracenos vencidos por Pepino e incluída no domínio de Carlos Magno. No século XIII passou aos Aragonêses que fundaram Perpignan. Possuiu-a Luiz XI, e Carlos VIII entregou-a ao rei de Aragão. Posse da França em 1659, tratado dos Pirineus. Em 1793-1795, tropas espanholas e portuguesas tentaram reavê-la. Viviu nessa época em Lisboa o brasileiro Padre Caldas Barbosa, que escreveu canções sobre a campanha. Algumas ainda eram cantadas no Brasil nos primeiros anos do século XX. Roussillon ostenta as armas heráldicas de Aragão — em campo de ouro, quatro palas de goles.

Com tais fermentos ecológicos, o jovem Bernard Alléguède teria temperamento impulsivo pela curiosidade viajante, conhecimentos humanos, aproximação às gentes distantes e dispersas. Fez os estudos universitários na França e na Alemanha. Retomou o destino missionário au Service de la France nas terras de longe. Professor em Marrocos. Jornadas pelas ilhas canárias Mauritania e Senegal. Professor na Espanha. Em 1966, transferido para o Brasil nordestino, Natal a seis graus ao sul do equador, dirigindo os cursos da "Alliance Française" instalada em 1957. Operosidade intensa e profícua. Palestras. Conferências. Exposições. Fundação da Sociedade dos Professores de Francês no Rio Grande do Norte, 1968, e, em 1970, primeiro Congresso desse magistério. A biblioteca da "Maison de France" acresce-se de 330 livros de Medicina. Em 1970 a Universidade Federal publica seu Vocabulaire Français (Les mots français groupés par centres d'intérêt). Afirma-me: Pendant cette période natalense, j'ai enseigné un peu et appris beaucoup! Aprendeu também a ser Pai! Tem dois filhinhos nascidos na cidade do Potengi.

O trabalho de rotina amplia-se e o professor conquista as simpatias e admirações de Natal. Mas não será apenas um nome na sucessão dos divulgadores da cultura francesa. Desejou vincular seu esforço ao patrimônio da pátria na tradição histórica entre o Povo em que vive.

É a história radicular desse "Franceses no Rio Grande do Norte". Recolta de impressionante tenacidade, livro de mozaico, construído com paciência, dedicação, esperança criadora na investigação incansável aos elementos esparsos no Tempo, agora dispostos num mural de in-

teligência afetuosa e labor cordial. Conseguiu refazer quanto se transforma em lenda, semeada na oralidade evocadora. Ressurge o século XVI e, sem solução de continuidade, reaviva as pegadas francesas na topografia potiguar, na contemporaneidade preferencial dos nomes próprios, na imagem de Roland, na evocação heróica daqueles que vieram pelas ondas do Mar ou vencendo os alucinantes roteiros do Céu. Nenhuma outra realização exaltaria o sentido de ALLIANCE como esse livro de Bernard Alléguède. Os dois Povos unificam-se pela exibição demonstrativa dessa continuidade colaboracional. Augusto Severo, homem de Macaíba, denomina uma rua em Paris, como Villebois de Mareuil, neto de natalense ilustre. Em Natal, Sachet e Mermoz são padrinhos de ruas, popularidades no trânsito habitual.

BERNARD ALLÉGUÈDE demonstra que a França é uma presença na cidade do Natal, presença na toponímia, na citação, na lembrança do povo, não nos livros imóveis mas nos atos vivos da coletividade. O leitor reencontrará êsses valores inesquecidos, na 1.^a vez reunidos e visíveis na integridade documental. O francês quinhentista, traficando no litoral norte-rio-grandense, determinou a expedição portuguesa de 1597 para combatê-los e fundar a Cidade do Natal. Quanto devemos à cartografia francesa, aos mestres da geografia naval!

Bernard Alléguède, francês de Perpignan, natalense IN PARTIBUS, fixou os sinais geodésicos do esforço francês em nossa coordenada tropical. Não é uma conquista de Jacques Riffault, mas o testemunho de uma participação vocacional no nível permanente da ternura e da solidariedade humana.

Luis da Câmara Cascudo

Natal, abril, 1971

Desde o início de minha chegada no Rio Grande do Norte, fiquei surpreso com a evidência da realidade francesa nos mais variados setores.

A presença francesa se fez a meus olhos por marcas reais, tais como inscrições, monumentos e estátuas, mas também pelos comentários, alusões e testemunhos.

Meu desejo, efetuando esse trabalho, foi precisamente relembrar e fixar a origem francesa destas marcas que os norte-rio-grandenses podem apreciar visualmente ainda hoje. Entretanto, meu sonho foi concentrar teses, lendas e mitos da mesma origem.

Sabia-se que sem a ajuda de numerosos natalenses, eu não poderia ter conduzido este trabalho.

Alguns terão talvez o desejo de completar estas pesquisas. Eles trarão então a consolidação da história.

É a eles, aos meus amigos natalenses e do interior, que eu dedico este livro, testemunho de minha estadia passada entre laços de cordialidade e amizade.

Bernard Alléguede

Perpignan - France

Fevereiro - 1971

Os Franceses no
Rio Grande do Norte

BERNARD ALLÉGUÈDE

Os Franceses no
Rio Grande do Norte

BERNARD ALBUQUERQUE

Há países cuja formação pode ser observada durante um passeio pelas ruas, na perspectiva de uma paisagem, pelo estilo de uma arquitetura, através de indícios quase que imperceptíveis, e também por seus mitos, crenças e costumes.

Isto é que sucede no Estado do Rio Grande do Norte (Brasil), que se formou, entre tantos outros, na efervescência das diversas civilizações, africana, portuguesa, indígena.

Mas, é preciso acrescentar a este fato que, sendo, por natureza, uma terra de colonização, em constante renovamento, o Rio Grande do Norte atraiu sobre si, desde os seus primórdios, a cobiça de toda espécie de povo, assim como de toda classe de missão.

Portugueses, holandeses, assim como americanos, ingleses e franceses, encontraram o terreno propício à sua expansão, por vezes, as condições favoráveis ao extravasamento de temperamentos altruístas.

Se a presença portuguesa ou holandesa se impõe, indubitavelmente, dentro do patrimônio norte-rio-grandense, não são menos importantes de serem assinaladas as presenças americana e inglesa, e o fato francês, por sua vez, poderia ser alvo de observações desde as origens do Estado até os nossos dias.

O paralelismo existente entre o Rio Grande do Norte e a história da França estende-se, naturalmente, à dimensão do Brasil. Pois, como diz o Embaixador Lyra Tavares, não se pode, evidentemente, dissociar o destino do Rio Grande do Norte daquele do Brasil.

Como assinala Pierre Joffroy, é, com efeito, em 1500 que começa o Brasil. A descoberta de Pedro Álvares Cabral, da "Vraie Croix", teve sua importância, uma vez que pôs a reivindicação portuguesa na América. Pelo Tratado de Tordesilhas, Portugal recebeu a concessão de tudo o que seus navegadores descobrissem, dentro de uma linha imaginária, passando a 370 léguas de Cabo Verde, a Espanha ficando com o resto. É isto que dá o que pensar. Pois esta linha dá exatamente sobre a porção do Brasil que Cabral não havia descoberto por ocasião do Tratado. Alguns geógrafos chegaram à conclusão que, desde aquela época, se sabia da existência desta porção de terra. Como testemunho disto, eles citam um antigo mapa da Andréa Bianco que registrava, em 1448, uma terra desconhecida dentro do Atlântico, distante 1500 quilômetros a oes-

te, e a história um tanto duvidosa de Jean Cousin. Este último personagem, capitão originário de Dieppe, teria descoberto em 1488 as duas Américas e a rota para as Índias, passando pela África. Infelizmente, tendo sido destruídos todos os arquivos de Dieppe, no século XVII, não restou nenhum documento que registrasse esta lenda que muito iria envaidecer o amor-próprio dos franceses. Até que algum raio de luz jorre sobre o assunto, Colombo, Cabral e Vasco da Gama terão sempre direito a seus quinhões de bronze e granito.

Após Cabral, trinta anos se passaram, durante os quais os portugueses perderam o interesse pelo Brasil, ocupados que estavam na Ásia. Mais interessados, capitães franceses, normandos na maioria, começaram a visitar cada vez mais assiduamente as nossas paragens e a comerciar com os indígenas. Trocando quinquilharias, êles adquiriam madeira de tintura, o pau-Brasil, que terminou por "tingir" o nome do próprio país. A maioria destes navegantes não deixou traços na história. Somente subsiste, como vestígios deste tempo, a "R^élation Authentique", do capitão de Honfleur, Paulmier de Gonneville que, comandando a nau "L-Espoir", tocou o Brasil em 1504, nas proximidades do 26º grau de latitude Sul, ou seja, no litoral de Santa Catarina.

De sua permanência, que durou seis meses, data a alvorada das relações francesas com o Novo Mundo e o surgimento do mito do "Don Sauvage" que, de Montaigne a Rousseau, iria alimentar, tão poderosamente, as nostalgias do espírito moderno.

Com Gonneville, descobriu-se finalmente uma humanidade com semblante de criança, "os índios sendo uma gente simples, levando uma vida alegre, sem grande trabalho". Observa-se também na "R^élation Authentique" a recíproca do espírito europeu, em resposta à admiração do autóctone. "O sol brilhará para mim como para os outros, dizia êle, gostaria que me mostrassem o capítulo do testamento de Adão que me exclui da partilha do mundo". Foi dessa orgulhosa réplica, que saiu mais tarde a expedição de Villegaignon.

Villegaignon, Cavaleiro de Malta, Vice-Almirante da Bretanha, convenceu Colligny de que a França podia e devia fundar um estabelecimento colonial no Brasil, o que, além do prestígio e das riquezas que ela obteria, teria a vantagem de fornecer um asilo de paz e de liberdade dos protestantes (hunguenotes). Villegaignon pensava bem. Colligny, seduzido em sua fibra protestante, fez oficializar o projeto por Henrique II. No dia 12 de julho de 1555, três navios partiam da França para o oeste, levando a fortuna do Brasil francês.

Dos 400 ou 500 passageiros, poucos eram colonos por vocação. Os viajantes provinham de horizontes os mais diversos. Foi assim, que Villegaignon chegou em novembro à baía de Guanabara.

As disposições pessoais do chefe revelaram-se logo na escolha que ele fez de sua base. Desembarcou assim, numa ilhota, situada a algumas centenas de metros da terra firme, a ilha Colligny, a qual tomou mais tarde seu próprio nome e o conservou. (Hoje a Escola Naval do Rio acha-se ali instalada).

Desse modo, conservava-se em suas mãos e impedia assim, a promiscuidade com as mulheres indígenas. Era, infelizmente, o pensamento desse sinistro e casto militar: "Transportamo-nos, escrevia a Calvino, para uma ilha distante aproximadamente duas léguas da terra. e lá escolhi nossa morada para evitar qualquer tentativa de fuga e para reter nossa tropa em seu dever."

Uma vez construído o Forte Colligny, Villegaignon acreditou-se livre de problemas senão de suas ambições. Dizia-se o "Rex Americae", soberano de uma nova terra.

Vestido cada dia da semana com uma cor diferente, estabeleceu no seu império molecular uma disciplina e uma etiqueta não para ofuscar visitantes improváveis, mas para satisfazer sua idéia própria de um reino polido.

Com esse megalômano virtuoso, a ilha dos Franceses começou na Utopia.

"Se os cristãos tivessem sido anjos descidos do céu, não teriam sido mais admirados e queridos pelos pobres índios que estavam pasmados com o tamanho do navio, a artilharia, os espelhos, e outras coisas que eles viam, não podendo se persuadir de como o papel falava". Este pasmo se traduziu pela partida de Essomericq, filho de um rei local, que embarcou com Gonneville, para aprender a arte da artilharia na Europa. Esta primeira viagem de um brasileiro à Europa marcou todos os caracteres seguintes: o que se vai procurar no estrangeiro é, não uma nova cultura, nem mesmo uma arte de viver, mas uma técnica, um meio de governar a matéria e o homem. Essomericq jamais pôde voltar ao Brasil. Adotado por Gonneville, batizado, terminou por casar-se em Honfleur e engendrou uma magnífica linhagem de religiosos de olhos oblíquos.

Outros navios sucederam ao "l'Espoir" e outros capitães a Gonneville. No litoral instalou-se uma população francesa cada vez mais diversificada. Ela havia aprendido a língua nativa e vivia à maneira, fe-

lizes de trabalharem com os peles-vermelhas, com o interesse superior da flor-de-lis. As relações entre os franceses e os indígenas conheceram, no século XVI, uma tal dimensão que um só navio levou para a França 600 papagaios capazes de blasfemar em francês e um cacique antropófago, chamado Cunhambebé, alertava que todo branco capturado, que se mostrasse francês, não seria comido, o que faria os interesses do seu povo.

Preocupados com este progresso, os portugueses se decidiram, a partir de 1531, em colonizar o país. Em 1549, com Tomé de Souza o caminho decisivo foi atingido.

Foi então, com um atraso que iria lhe custar caro, que a França se lançou oficialmente à conquista do Brasil.

Francisco I não admitiu o Tratado de Tordesilhas. Ora, atrás da fronteira sanitária, mantida por Villegaignon, entre o continente e a Colônia, havia os outros: os índios tupinambás, bastante surpresos que não se lhes houvessem feito propostas e os portugueses cujo patriotismo se amedrontava e cuja ortodoxia se indignava diante desta colônia calvinista. Por outra parte, ao colono, a quem tudo faltava, só ofereceram assassinar Villegaignon. Prevenido, ele enforcou os conspiradores.

Depois disso, sempre em relação com os protestantes, ele escreveu a Calvino, a fim de que se lhe enviasse gente de bem que pudesse ajudá-lo na sua grande tarefa de renovação espiritual do novo mundo. Gênova lhe enviou, em março de 1557, uma dúzia de hunguenotes doutrinados e várias centenas de colonos. No princípio, eles pensaram haver alcançado o paraíso. O "Rex Americae" parecia disposto a participar de sua fé. Uma nova Gênova se edificaria nesta terra maravilhosa, a qual o pastor Jean de Léry rememoraría muitos anos depois no seu esplendor inesquecível: "Todas as vezes que a imagem deste Novo Mundo que Deus fez ver se representa diante dos meus olhos e que penso na serenidade **das águas, na diversidade dos animais, na beleza das árvores e das plantas, na qualidade excelente das frutas, nas riquezas inesgotáveis que se encontram nas terras do Brasil, um instante me vem à memória a exclamação do profeta: "Como obras são numerosas, oh Eterno! . A terra está cheia de Teus bens"**.

Os desafortunados não iam tardar a se decepcionar. Problemas sobre os dogmas dividiam os colonos. Durante as polêmicas, os portugueses reuniam suas forças. Sua política tinha consistido, ao contrário da de Villegaignon, em instalar pequenas colônias no continente, e a principiar a fusão racial que foi a verdadeira obra-prima de Portugal, de onde nasceu um dia, não-somente uma colônia, mas uma nação.

Quando as discórdias e as epidemias abalaram suficientemente as energias dos franceses, os portugueses, estes, passaram ao ataque. Em 1560, seu governador-geral, Mem de Sá, ajudado por contingentes indígenas, destruiu a frota francesa e apoderou-se da ilha de Colligny, cuja fortaleza foi arrasada. Refugiados no Continente, a gente de Villegaignon, depois de passada a tempestade, reocupou a baía, mas por pouco tempo.

Em 1567, a “França Antártica” havia vencido definitivamente. Villegaignon havia voltado à França, onde morrera decepcionado e esquecido, em 1571. Esse foi o destino desse excepcional frustrado que poderia ter sido o fundador de um império, mas que foi tão-somente a caricatura de um conquistador.

Os franceses, expulsos, persistiram no Norte, em São Luís do Maranhão, até 1616. A cidade atual mantém este nome em homenagem ao antigo rei da França. Mais tarde, em 1711, Duguay-Trouin tomou o Rio de Janeiro, mas somente com intuito de saqueá-lo.

A expansão portuguêsã prosseguia, então sob uma relativa tranquilidade. As cidades nasceram sob os passos dos bandeirantes. Os jesuítas transportavam suas missões em direção ao Norte e ao Centro-Oeste. O terceiro elemento étnico do Brasil desembarcou em 1548. O triunfo da cultura do açúcar despertou a cobiça da Companhia Holandesa das Índias Ocidentais. Mas, pouco a pouco, formou-se um vento de liberdade e independência. Tiradentes estava bastante adiantado para seu tempo. No século seguinte, Napoleão lhe daria razão, a título póstumo. No dia 19 de novembro de 1807, Napoleão ordenou a Junot atravessar a fronteira portuguêsã com seus trinta mil homens. A monarquia portuguêsã instalou-se no Rio. A transferência da Côrte tornava, de um só golpe, o Brasil maior. Viu-se desde o Congresso de Viena, quando, graças a uma sugestão de Talleyrand, D. João VI elevou o Brasil à categoria de Reino, como Português. O soberano havia feito sua escolha, desejando permanecer no Brasil. Notáveis consequências econômicas se seguiram. Na capital, vem se instalar uma missão francesa, composta de arquitetos, pintores e gravadores, que tomou em mãos o futuro artístico do Brasil. Nosso país começava a tornar-se uma nação moderna. D. Pedro I, através do grito do Ipiranga, punha termo a três séculos de administração portuguêsã.

A história do Brasil é, agora, uma história americana. D. Pedro II foi um dos maiores soberanos que o Brasil já conheceu. Filósofo incontestável, só via dois grandes homens no mundo: Pasteur e Victor Hugo. E a grande infelicidade de sua vida foi ter conseguido trazê-los ao Bra-

sil. Iria, pelo menos, visitá-los, como amigo, quando de sua estada na França. E a anedota floresceu atrás dêste monarca bondoso. Na casa de Victor Hugo, em Paris, tendo um dos netos do escritor chamado "Majestade", ouviu-se-lhe responder: "A única majestade aqui é o seu avô". Com semelhantes disposições, era uma perda que se lamentaria por muito tempo. Para dizer a verdade, o Brasil lamenta ainda a sua "belle époque", sua idade de ouro. Um ano depois da abolição, o velho imperador embarcou com seus familiares para a Europa. O chefe da Conjuração Republicana, Benjamin Constant de Magellan estava cheio de idéias positivistas. Da Constituição de 1891, guardou-se alguma coisa. A bandeira brasileira mantém, ainda hoje, a célebre divisa de Augusto Comte: "Ordem e Progresso".

Nos anos que se seguiram, a França e o Brasil continuaram seu caminho, marcados por uma única comunidade de espírito que se caracteriza por acordos econômicos, culturais, artísticos (por exemplo, no campo da aviação, a Air France, a Aliança Francesa, empreendimento vigoroso do governo francês, o General Gamelin, o arquiteto Le Corbusier). É no interior dêste panorama que se situa frequentemente a presença francesa no Rio Grande do Norte.

Os Franceses entre nós?

Refoles ou Riffault cuja ortografia não foi jamais definida (Frei Vicente do Salvador escrevia Rifot, enquanto Feliciano Coelho, capitão mor da Paraíba, escrevia Rifofoles) é mencionado em documento posterior a 1570, por Jerônimo de Barros. O Potengi abrigava perfeitamente os navios franceses em sua curva protetora onde se encontra instalada hoje a Base Naval (Câmara Cascudo — A República — 26.06.41).

* * *

Na mesma época, segundo certos historiadores, as naus francesas teriam subido o rio Potengi e o Rio Doce para ancorar na lagoa de Extremoz. O fato é que hoje os autóctones denominam de ponta francesa um cabo avançado da lagoa.

A lembrança remota de Refoles entrou na literatura com a admirável poesia de Palmyra Wanderley, tirada de "Roseira Brava", intitulada "Refoles" e que termina por:

"Numa praça de guerra te tomaram
Refoles, bem amado, triste asceta...
E nunca em tua vida te lembraram
De um filósofo
De um poeta".

* * *

No seu estudo "Tipos de Povoamento no Rio Grande do Norte", Hélio Galvão afirma que a disposição linear das vilas do Rio Grande do Norte é devida ao aumento de população. Esse tipo de aldeia sem linha surpreendeu o professor Lynn Smith que encontrou esta disposição insólita. Somente a França e acessoriamente a Alemanha possuem esta forma de habitação. O próprio Koster identificou no século XIX o mesmo fato. Tudo indica que esta forma tão particular de urbanização na França, é um legado dos antigos comerciantes normandos que se instalaram no litoral, à maneira de João Lostan Navarro.

* * *

Num artigo da Tribuna de Petrópolis (07.04.1951) Hélio Galvão fez um estudo minucioso sobre a origem de Jean Constan, comerciante francês que se estabeleceu na região por volta de 1860 e parece bem ter iniciado uma ligação de Lostão, Lo Stoa, Lustosa, etc...

* * *

Índices fornecidos por Manuel Antônio de Oliveira Coriolano indicam a presença religiosa francesa em 1538, anterior à vinda dos capuchinhos franceses de la Ravardière, tidos alguns como iniciais no Brasil Colonial.

* * *

Rocha Pombo assinala em 1590 incursões francesas em Angicos.

Em 1597, Vandeclay, geógrafo francês, expõe um mapa da região nordestina. Interessantíssima, diz José Castelo Branco, esta carta, por ter sido organizada por um francês, justamente pertencente à nação estrangeira que explorava esse trecho do nosso país, há muitas décadas, conseguindo sobrepujar aos demais concorrentes europeus, intrometendo-se nas tabas dos selvagens, convivendo e traficando com eles durante mais de meio século, sem fundarem, contudo, núcleos de população independente das que encontraram, contentando-se com a especulação dos produtos naturais e o domínio de alguns portos para a sua mecânica. Vandeclay identificou o "Mont de Saint-Michel" (Monte São Miguel), numa zona vizinha aos rios Apodi e Mossoró.

* * *

No início do século XIX, o almirante Roussin determinou o levantamento da costa brasileira, de Santa Catarina ao Amazonas.

* * *

O historiador francês, estudioso das coisas do Brasil, Milliet de Saint Adolphe falou, no seu "Dicionário Geográfico, Histórico e Descritivo do Império do Brasil", no verbete Mopebu: "Tupinambás da tribo apelidada Papari segundo uns e da chamada Mipibu, segundo outros e talvez de ambas". Descreve-se como: "índios de uma banda, rara entre os selvagens, os quais se submeteram com facilidade ao governo Colonial".

* * *

Milliet de Sant Adolphe é explícito. Falando do Apodi escreveu: "Dá-se ordinariamente o nome Mossoró à sua embocadura, por causa da vizinhança das salinas e de uma aldeia".

* * *

Ainda que a figura de Roldão seja na França o centro do interesse da elite intelectual, ele é no Brasil largamente divulgado no seio da massa popular.

Em 1968, quando eu passeava na praia de Cotovelo, perto de Pirangi, conversei com um pescador que me perguntou com um ar distrai-

do, se eu era americano. Quando lhe respondi que era francês, ele exclamou surpreso: "O senhor é então da pátria de Oliveiros, Roldão, Carlo Magno?" Após algum silêncio ele me perguntou em que direção se situava a França e se sua jangada podia fazer a travessia...

* * *

O professor Oswaldo Lamartine me assinalou um dia grande número de nomes franceses em Serra Negra. Atribui-se essa abundância de Hugo, Racine e outros, à fundação, no século passado, de um colégio jesuíta na fronteira da Paraíba e do Rio Grande do Norte, em Cajazeiras, dirigido pelo padre Rolin. Eles foram grandes difusores da língua e da cultura francesa. A população tendo sentido uma grande simpatia por esses educadores, guarda ainda hoje a lembrança desses modelos, escritores e cientistas que fizeram brilhar a França.

Pode-se assim identificar nomes que lembram franceses famosos: Mirabeau, Apolinário, Clóvis, Joana d'Arc, Massena, Lamartine, Ney, Napoleão, Lavoisier, Renan, La Fayette, Arnaud Perceval, Diderot, Lourdes, França, Rejane.

* * *

No livro "A Revolução em Serra Negra", Raimundo Nonato confirma o fato.

* * *

A presença francesa na literatura de cordel é indiscutível. O príncipe Roldão de José Bernardo da Silva; O soldado francês de José Martins dos Santos; As profecias do sábio francês, de José Vieira, etc... Como também a quadilha é de origem francesa. A la vantou! En a rié! Sangé! Rétourné!

* * *

Em "Geografia dos Mitos Brasileiros", Câmara Cascudo fala sobre o mito de Labatut: "O Labatut tem vida imaginária e forma monstruosa na serra do Apodi, Rio Grande do Norte, e naturalmente na região fronteira do Ceará". Ele era oficial de Napoleão I. Emigrou para

a Venezuela, depois para Caiena e passou pelo Brasil. Guerreiro cruel e impetuoso, as opiniões concordam com sua ferocidade.

Martins de Vasconcelos escreveu: "Labatut é um bicho pior que o Lobisomem, pior que a Burrinha e pior que a Caipora e mais terrível que o Cão Coxo"!

Ele gosta mais dos meninos, porque são menos duros que os adultos!

No seu livro "Napoleão e Pernambuco" Nilo Pereira lembra que Pernambuco era o maior litoral do Brasil, durante sua fase colonial; era o que tinha sido observado por imigrantes franceses nos Estados Unidos. Antônio Gonçalves da Cruz, o emissário da Revolução pernambucana de 1817, se batia pela libertação de Napoleão, o qual teria possibilidades de se reunir aos conspiradores nos Estados Unidos ou mesmo em Pernambuco onde o imperador poderia encontrar um refúgio ideal. Os planos se desenvolviam favoravelmente. Em 1817, o brigue "Paragou" ancorou em Baía Formosa. De início estavam os emigrados franceses encarregados de fazer os preparativos para a evasão. Na baía de Touros passavam navios do mesmo tipo e com o mesmo objetivo. "Estava caracterizada a conspiração, mas restava a ação do Ministro de Portugal em Washington, o qual contribuiu para que muita coisa fosse denunciada e o plano de fuga foi frustrado.

* * *

Com o título "Um herói francês neto de natalense", Câmara Cascudo (A República, 13.04.1946) assinala que há em Paris uma rua chamada Villebois de Mareuil, homenageando um oficial francês, culto e generoso, que morreu ao dos Boers, na guerra do Transvaal. Esse general Villebois de Mareuil era filho do Conde Villebois de Mareuil, antigo secretário da Legação da França no Rio de Janeiro, onde se casara com D. Margarida Garcia de Almeida, filha do desembargador Tomás Xavier Garcia de Almeida, então deputado-geral pela Bahia e residente na Corte. Esse Garcia de Almeida, como sabem, era sobrinho de Frei Miguelinho, filho de Francisco Xavier Garcia, um professor de gramática que presidira a Província. E todos, pai, tios, êle próprio e os manos, nasceram na Ribeira, num grande sitio que compreendia a rua Silva Jardim e vinha até a Tavares de Lyra.

O primeiro hotel de Natal apareceu em 1870. Chamava-se Hotel Francês ou Hotel de Bimôa. Ficava situado numa esquina da rua Frei Miguelinho com a Silva Jardim. Seu proprietário era um francês de nome Josset de Bimont. São bem interessantes os testemunhos de Câmara Cascudo, os quais podem ser encontrados no jornal da República. (28.11.1943 e 29.09.1956).

Antes da instalação da Escola Doméstica, um grupo de Irmãs, segundo o arcebispo Dom Nivaldo Monte, de origem francesa, fundara a Aliança Feminina, associação de beneficência.

* * *

Os irmãos maristas fundaram o atual Colégio Santo Antônio. A origem desta ordem francesa foi devido à iniciativa do Padre Champagnat cuja estátua se encontra no jardim e na capela do colégio. No início, a maioria dos professores era francês.

* * *

Encontram-se, em Natal, as ruas Mermoz, Sachet, Maryse Bastié (inaugurada em 30.12.71 sob a iniciativa de João Alves).

Em março de 1884, a rua do Sul ou rua do Sobrado, na cidade do Açu, denominava-se rua Augusto Comte.

* * *

O Pince-nez, Bric à Brac, Le Monde Marche eram jornais muito populares no comêço do século.

* * *

A descoberta das minas de gipsita, localizadas no distrito de Gov. Dix-Sept Rosado, data de 1853, feita pelo Sr. Luiz Jacques Brunet, médico francês, especialista em História Natural.

Histórico da Atividade Aeronáutica em Natal (1927 - 1947)

Em 1924 a missão LATECOERE na AMÉRICA DO SUL reconhecia o percurso BUENOS-AIRES — RECIFE.

17 de Julho de 1927

Aterrissagem do primeiro avião em NATAL na praia de Redinha 3 Km. na margem esquerda do Potengi.

Era um Br. 14 (BREGUET 14) das Linhas LATECOERE pilotado por VACHET acompanhado do piloto DELEY e do mecânico FAYARD, que acabavam de reconhecer o percurso RECIFE — NATAL.

No decorrer desta missão foi reconhecido e escolhido o local do futuro terreno do Aeropostal, 25 Kms. a Oeste da cidade, no local denominado "PARNAMIRIM" assim como o local da futura hidrobases no RIO POTENGY, a 3 Kms. da cidade.

Setembro de 1927

Início dos trabalhos em PARNAMIRIM. Passagem dos primeiros equipamentos do Aeropostal, DELEY FAJARD e PIVOT — GAFFE que no Br. 14 fazem os primeiros vôos de percurso RIO — NATAL.

Outubro de 1927

Inauguração do Serviço regular semanário no LATE 25 do percurso NATAL — BUENOS-AIRES.

9 de Dezembro de 1927

Saída no Br. 14 da primeira missão de reconhecimento do percurso NATAL — SÃO LUIS DO MARANHÃO. Piloto: VACHET — Engenheiro: De GONIL — Mecânico: GAFFE. Escalas em FORTALEZA E MANAUS.

20 de Dezembro de 1927

Volta da missão VACHET.

Janeiro de 1928

Início dos trabalhos na hidrobases e base marítima para os AVISOS.

Março de 1928

Inauguração da linha TOULOUSE — BUENOS-AIRES com travessia do Atlântico pelos velhos avisos comprados à Marinha (LUNEVILLE — BELFORT — PHOCEE, etc...).

Maio de 1929

Saída de NATAL da 2.^a missão num LATE 26, encarregado de reconhecer e estudar o percurso NATAL — CAIENA (Pilôto CHENUPIRON — mecânico SEPTFOND — operador de rádio FICHOUX).

Em um retôrno, o avião quebrou-se na aterrisagem em CAIENA, num terreno impraticável.

13 de Maio de 1930

Passagem em NATAL do primeiro correio 100% aéreo TOULOUSE — SANTIAGO DO CHILE.

SANTIAGO DO CHILE com chegada em Natal e vindo de ST. LOUIS do SENEGAL de MERMOZ — DABRY e GIMIE, que num hidroavião LATE 28 realizaram a primeira travessia comercial do ATLANTICO SUL (Hidro-avião "COMPTE de la VAUX").

8 de Junho de 1930

Primeira tentativa de decolagem de MERMOZ para a primeira travessia NATAL — DACAR.

9 de Junho de 1930

11 vãs tentativas de decolagem por MERMOZ.

12 de Junho de 1930, à tarde

35.^a e última tentativa de MERMOZ de decolagem no RIO POTENGY.

13 de Junho de 1930

MERMOZ no LATE 26 visita a lagoa do BONFIM, 30 Km., a Oeste de NATAL.

15 de Junho de 1930

Saída de MERMOZ e seu LATE 28 em flutuadores para reconhecer a lagoa.

8 de Julho de 1930

11 vãs tentativas de decolagem na lagoa do BONFIM.

9 de Julho de 1930

Seis outras tentativas.

10 de Julho de 1930

Decolagem do LATE 28 hidro para DACAR. Fracasso, pane de óleo no meio do ATLANTICO. MERMOZ amerrissa perto do aviso "PHO-

CEE" que recolhe o equipamento e o correio. O aparelho corre depois de algum tempo de rebocado.

Abril de 1931

Passagem por NATAL do hidro-avião gigante alemão DOX.

Início de 1932

Posto em serviço novos avisos, Aeropostal 1 — 2 — 4 — e 4 e instalação, no RIO POTENGY, de um tanque abastecedor em MAZUTE para os novos avisos.

Janeiro de 1933

Primeira travessia ST. — LOUIS — NATAL do avião COUZINET "ARC-EN-CIEL".

15 de Maio de 1933

Primeira travessia NATAL-DACAR pelo "L'ARC-EN-CIEL".

Início de 1933

Estabelecimento de uma base de hidros pela companhia Americana P.A.N.A.I.R. que explora a linha NEW-YORK — BUENOS AIRES com hidros CONSOLIDATED.

Estabelecimento de uma base de hidros pela Companhia Alemã LUFTHANSA que recebe os hidros DORNIER catapultados no meio do ATLÂNTICO pela "WESTHALEN", barco especialmente destinado para isto e que à tarde recolhe à bordo os hidros que decolaram pela manhã do BATHURST.

Durante à noite os aparelhos são revisados e abastecidos e atravessam o ATLÂNTICO assim, em 2 etapas e 18 horas de vôo, mais de 12 horas no barco.

Mesma manobra para o retorno.

Estas experiências foram abandonadas em 1934.

Outubro de 1933

Passagem em Natal, pela hidrobases AIR FRANCE de Charles LINDBERG e sua esposa que no hidro LOOKEED efetuam um vôo circular do ATLÂNTICO NORTE E SUL.

28 de Dezembro de 1933

Chegada em NATAL vindo de ST.-LOUIS do SENEGAL do hidro LATE 300 "CROIX du SUD" com o Comandante BONNOT — Piloto Lt. V. JEAN PIERRE de CLONARD.

29 de Dezembro de 1933

Saída da "CROIX du SUD" para ST. LOUIS.

Retorno à Natal depois de 11 horas de vôo por ordem do Ministro do Ar Pierre COT, a "CROIX du SUD", devendo ser apresentado no Rio de Janeiro.

Janeiro de 1934

NATAL — ST. LOUIS pela "CROIX du SUD".

Em 1934

3 travessias DACAR/NATAL por "L'ARC-en-CIEL" com MERMOZ.

3 outras travessias por "CROIX-du-SUD" com o Cdt. BONNOT, piloto Lt. de V. HEBRARD.

2 travessias pelo hidro-avião Bleriot, BOSSOUTROT.

NOTA: As travessias do "CROIX-du-SUD" foram as primeiras verdadeiramente comerciais. Os dias e horas de saída foram determinadas antes, sem levar em consideração a lua, nem às condições meteorológicas.

Em 1934

1.^a travessia do ATLÂNTICO por uma mulher só: AMY JOHNSON efetuando o percurso NATAL — BATHURST.

Início de 1935

Chegada em NATAL do avião FARMAN 200 "CENTAURE", piloto BOUS SOUTROT vindo de DACAR. Após seu retorno à DACAR, este aparelho efetuará em 1935, três A.R. de DACAR/NATAL.

Meio de 1935

Inauguração pela Cia. AIR FRANCE do Correio Aéreo bimestral de DACAR/NATAL, com os hidros "CROIX-du-SUD", "SANTOS DUMONT" e os "FARMAN 200".

Dezembro de 1935

Passagem em NATAL da maior Aeronave da época, o hidro LATÉ 521 "LIEUTENANT de VAISSEAU PARIS", Cdt. BONNOT, Piloto Lt. V. JOZON, no curso de sua viagem BISCARROSSE — FORT DE FRANCE — PENSACOLA.

Fevereiro de 1936

Desaparecimento no ATLÂNTICO do hidro-avião LATE 301 "Ville de BUENOS-AIRES", no curso de um vôo regular NATAL/DACAR.

Em 1937

Chegada em NATAL de Maryse BASTIE vindo de DACAR em CAUDRON "SIMOUN".

Em 1939

Posta em desuso a base de hidros em NATAL. AIR FRANCE efetuando unicamente a travessia do ATLÂNTICO SUL com FARMAN.

Em 1940

Como seguimento das consequências do armistício de JUNHO de 1940, AIR FRANCE suspende sua atividade e o terreno de PARNAMIRIM conhece poucas atividades.

Em 1943

Os americanos estabelecem uma gigantesca base aérea em PARNAMIRIM e utilizam a hidrobases, para controlar o ATLÂNTICO SUL e os submarinos alemães.

Em PARNAMIRIM passam todos os aparelhos americanos destinados aos aliados, na EUROPA, na ÁFRICA e no ORIENTE PRÓXIMO.

Em 1945

As Aerolíneas Argentinas exploram suas linhas BUENOS-AIRES LONDRES com "SUNDERLAND" e fazem escala em NATAL.

Em 1946

Os americanos põem em desuso e depois deixam sua base em PARNAMIRIM.

Em 1947

As Companhias Aéreas Européias, entre as quais AIR FRANCE, fazem escala em RECIFE e não utilizam mais NATAL, que depois passa a servir somente para atividades naturais, civis ou militares. O terreno de PARNAMIRIM e a base de hidros foram vendidos ao BRASIL pela AIR FRANCE.

A Presença Religiosa

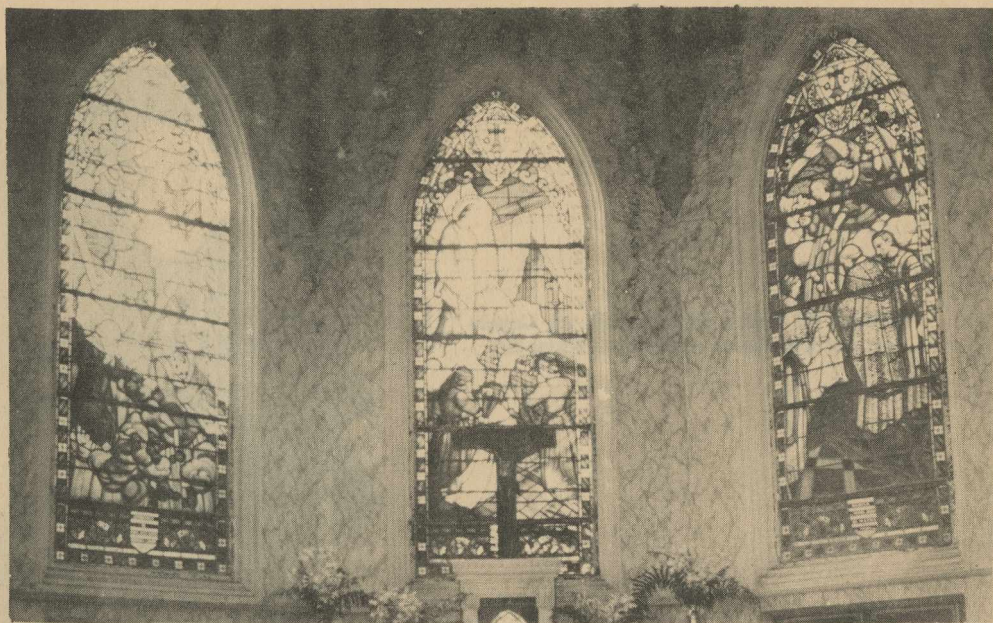
A
Preferença
Religiosa

**Estátua do Padre Champagnat na Capela
do Colégio Santo Antonio — Natal-RN**



**O Colégio Santo Antonio foi funda-
do por Irmãos Maristas, pertencen-
tes à ordem francesa criada
pelo padre Champagnat**





Os Vitrais da Igreja Santa Terezinha foram fabricados no ano de 1930, em Grenoble, pela casa Balmat



**Gruta de Lourdes, que se encontra ao lado da Igreja Santa Terezinha
NATAL — RN.**

**Monumentos
e Estátuas**

Estátuas que se encontram em frente ao Colégio Winston Churchill, fabricadas na Fundação do Val d'Osne



Estátua, águia e vasos, situados sobre a fachada da Faculdade de Direito, vindos da Fundação do Val d'Osne

Relógio que se encontra na esquina da Muralha decorativa Junqueira Aires, fabricado na Fundição do Val d'Osne



Em uma das faces da estátua de Augusto Severo, uma placa de bronze com o panorama de Paris e o "Pax" contornando a torre Eiffel



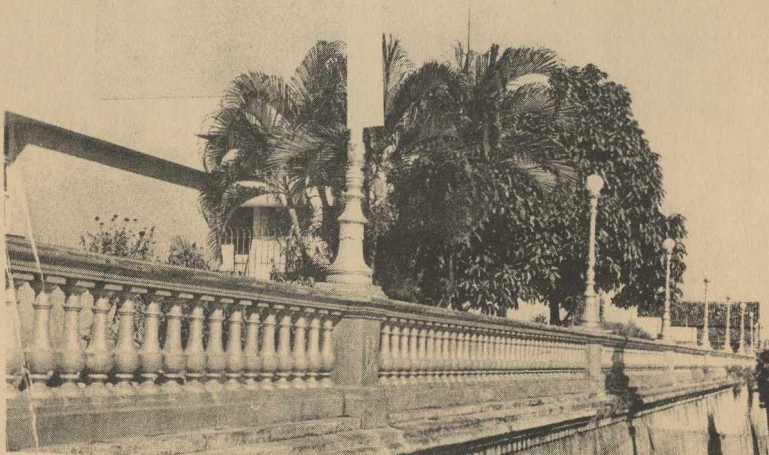
Colocado na principal artéria do jardim da praça que perpetua o nome do aeronauta brasileiro. O monumento é plano do notável escultor francês Edmond Badoche. Foi inaugurado no dia 12 de maio de 1913



Estátua da "Arte" de Mathurin Moreau, escultor francês, que se encontra sobre a fachada do teatro Alberto Maranhão. As outras esculturas da fachada vêm, igualmente da França



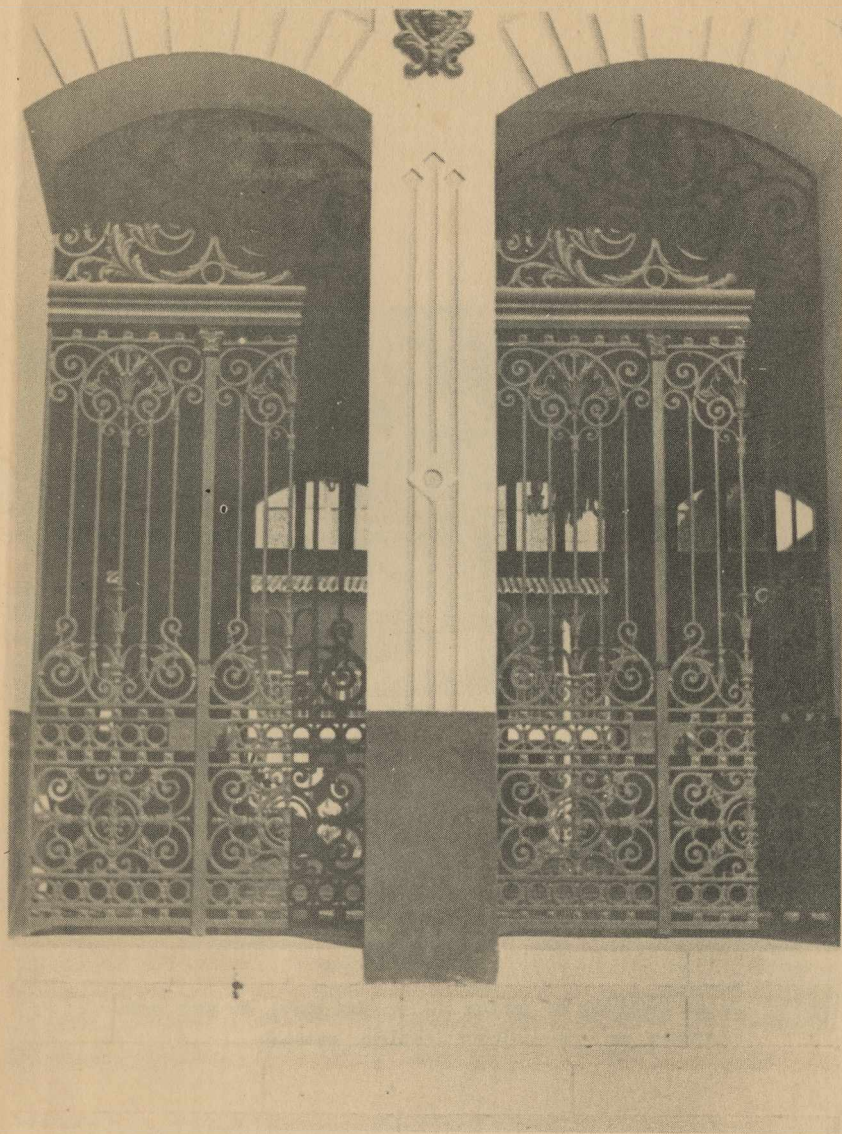
Encontrava-se em uma das alamedas do jardim da "Praça Augusto Severo" — Inaugurado a 19 de março de 1911, hoje encontra-se desaparecido. A efigie em bronze mostrava Nísia Floresta em um trabalho do grande escultor francês Edmond Badoche. Feito em Paris, sob a orientação de Henrique Castriano.



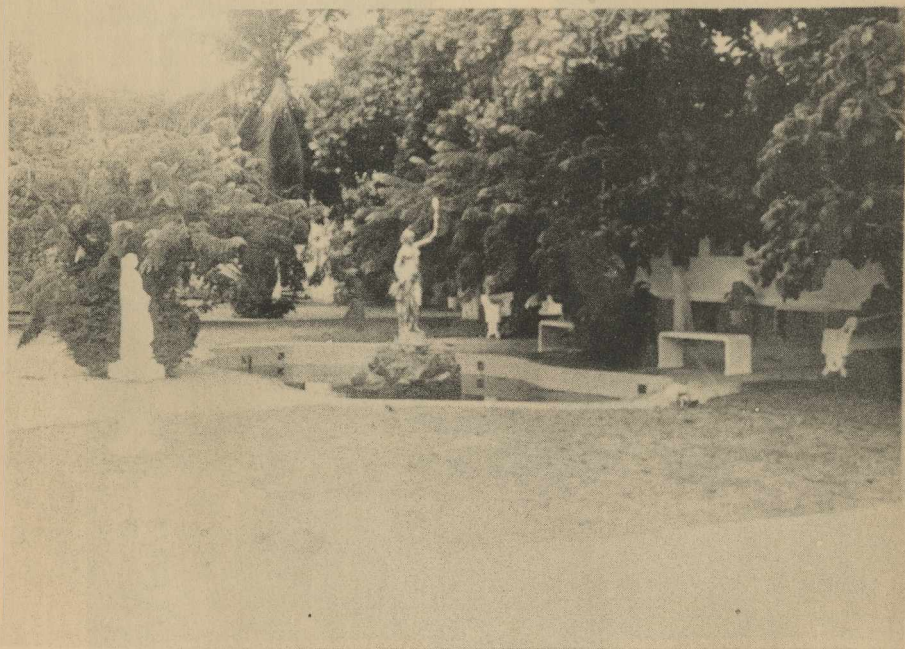
Muralha decorativa na rua Junqueira Aires, inaugurada no dia 7 de setembro de 1911, por Alberto Maranhão. Executada na Fundação Val d'Osne (18, boulevard Voltaire, Paris).



Medalhão de Tavares de Lyra, situado no Obelisco, Perto do Rio Potengi, executado pelo escultor francês Louis Busson



**Portal do Teatro Alberto Maranhão,
inteiramente fabricado na
Fundição do Val d'Osne**



**A reprodução de THALMA no jardim do Sr. Rui Paiva, dá uma nota
artística ao maravilhoso cenário natural.**

**Encontra-se nos jardins do Teatro
Alberto Maranhão, estátua repre-
sentando uma concepção indianista
de Thalma. Executada na Fundição
do Val d'Osne**





**MONUMENTO A NISIA FLORESTA EM
PAPARI — RN.**

Inaugurado em 12 de outubro de 1909, para celebrar a passagem do 1.º centenário do nascimento de Nisia. Em suas faces há as seguintes inscrições. A LESTE: Deste ninho, até agora ignorado levantou vôo altaneiro a notável norte-riograndense a quem a mocidade rende esta homenagem. — Lado OESTE: "Votre touchante composition est irrévocablement placée dans le tiroir sacré qui ne contient que la correspondance exceptionnelle. Respect et sympathie Auguste Comte" Carta de 29 de agosto de 1857. Lado NORTE: Nisia Floresta. 1809 - 1909. 12 de outubro. PAPARI. — Lado SUL: O Congresso Literário, reunido em setembro de 1909, sob os auspícios do Exmo. Sr. Alberto Maranhão, seu presidente de Honra e Governador do Estado, resolveu erigir este MONUMENTO

**Ruas e
Praças**



A RUA MERMOZ NO BAIRRO DO BALDO — NATAL — RN.



**O BAIRRO DA RIBEIRA CONSERVA A RECORDAÇÃO
DE SACHET — NATAL — RN.**



A Academia Norte-Riograndense de Letras foi fundada segundo o modelo da Academia Francesa — Natal — RN, construída na presidência Manuel Rodrigues de Melo

FONTES CONSULTADAS

- O povo Norte-rio-grandense todo, xarias e canguleiros.
- Bibliotecas e Sociedades:
 - Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte.
 - Fundação José Augusto
 - Academia Norte-Riograndense de letras
 - Air France, Paris
 - A República.
 - Correio do Povo.
 - Diário de Natal.
 - Tribuna do Norte.
 - Le Figaro
 - L' Oeuvre.
- TRADUTORES: Paulo França de Bezerra, Emmanuel de Melo e Silva, Carlos Eduardo Galvão Braga, Hilda Coelho Fagundes, Arismar Moraes de Melo, Maria Natália Galvão.
- FOTOGRAFIAS: Seabra, João Alves de Melo, Jaeci.
- BIBLIOGRAFIA:
 - Américo de Oliveira Costa: "A biblioteca e seus habitantes". Imprensa Universitária. 1970
 - Aubert de la Rue. "Brésil". Gallimard.
 - Luiz da Câmara Cascudo; "História do Rio Grande do Norte". MEC, 1955:
 - "Motivos da Literatura oral da França no Brasil". Recife 1964;
 - "História da Cidade do Natal". Natal, 1947;
 - "Cinco Livros do Povo". José Olympio, 1953, Rio.
 - Cocentino Anamaria. "Todas as bandeiras formavam um ninho de ases em Natal". Diário de Natal, 23-04-1972.
 - Esmeraldo Siqueira. "Letras de França". Imprensa Universitária, Natal 1969.
 - Aluizio Alves — "Angicos".
 - Jean Gerard Fleury. "La Ligne". Gallimard, 1949.
 - Helio Galvão. "Cartas da Praia". Edições do Val, Rio
 - José M. B. Castelo Branco. "O Rio Grande do Norte na cartografia do século XVI". Revista do I.H.G.R.G.N., Natal, 1952.
 - Kessel. "Mermoz".
 - Juvenal Lamartine. "Velhos Costumes do meu sertão". Fundação José Augusto, Natal, 1965.
 - Luiz Dourado. "Pequena história da aviação do R.G.N.". O Poti, 6:12.1970.
 - Manoel Ferreira Nobre. "Breve Notícia sobre a Província do Rio Grande do Norte" Pongetti, 1971, Rio.
 - Mermoz. "Mes Vols".
 - Newton Navarro. "30 Crônicas não selecionadas". Departamento Estadual de Imprensa Natal.
 - Nilo Pereira. "Napoleão e Pernambuco". Recife, 1970.
 - Tarcisio Medeiros. "Natal ninho de ases de tôdas as bandeiras". ICH, revista, Natal, 1971
 - Paul Vachet. "Avant les jets". Hachette, Paris.
 - Raimundo Nonato da Silva — "A Revolução em Serra Negra".
 - Vingt-un Rosado e Antonio Campos e Silva.
 - "Louis Jacques Brint" (Naturalista Viajante — 1973 — Colégio Mossoroense.

ARTICULOS E TESTEMUNHAS

Aderbal de França, Aldo Fernandes Raposo de Melo, Aldo Rebouças, Américo de Oliveira Costa, Gerard Fleury, Jean Dabry, José Nunes Cabral, Luis da Câmara Cascudo, Moacyr de Goes, Verissimo de Melo.



Editado pelo I.H.G.R.G.N.
com o auxílio do
Conselho Federal de Cultura

PUBLICAÇÕES DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE DO NORTE

(com o auxílio do CONSELHO FEDERAL DE CULTURA)

- 1 — Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte. Vols. LVI — LVII — LVIII — LIX — LX — LXI — LXII — LXIII — LXIV — (Anos de 1964 a 1972)
 - 2 — Presença Norte-Rio-Grandense na Alçada Pernambucana — Raimundo Nonato
 - 3 — Breve Notícia sobre a Província do Rio Grande do Norte — Manoel Ferreira Nobre (anotações de M. Rodrigues de Melo)
 - 4 — Luís da Câmara Cascudo — sua vida e sua obra —
 - 5 — Os Arquitetos da História do Rio Grande do Norte — Enélio Lima Petrovich
 - 6 — Roteiro do Visitante do Instituto Histórico —
 - 7 — O Livro das Velhas Figuras — (I, II e III) — Luis da Câmara Cascudo
 - 8 — Visões e Abusões Nordestinas — Vol. I — Raimundo Nonato
 - 9 — Os Franceses no Rio Grande do Norte — Bernard Alléguède
- (publicação com o auxílio da Comissão Executiva Central do Sesquicentenário da Independência do Brasil)
- 10 — A Independência do Brasil no Rio Grande do Norte — Augusto Tavares de Lyra



PRÓXIMAS EDIÇÕES

- 1 — Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte
- 2 — O Livro das Velhas Figuras — (IV) — Luís da Câmara Cascudo
- 3 — Cronologia do Rio Grande do Norte (gente, lugares e eventos) — Luiz Rabelo
- 4 — Guia Histórico e Turístico da Cidade do Natal — Rômulo C. Wanderley
- 5 — Monumentos do Rio Grande do Norte — Nestor Lima.
- 6 — Visões e Abusões Nordestinas — Vol II — Raimundo Nonato
- 7 — Bibliografia Norte-Rio-Grandense — M. Rodrigues de Melo
- 8 — Capitães Mores do Rio Grande do Norte — Vol. II — Tarcisio Medeiros.